



FAXINFORME

CLIPPING

O DIA

Data:2003-01-31

Tipo de publicação:---

Secção:

FOTO

Cores:4 Cores

Pág:1

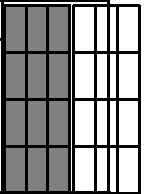
Entevista com o Professor José Ferreira Gomes, Vice-Reitor da Universidade do Porto

"O ENSINO PORTUGUÊS SECUNDÁRIO É CARO E MAU"

Págs.2/3/4/5



--	--	--



Professor José Ferreira Gomes, Vice-Reitor da Universidade do Porto e Presidente da Sociedade Portuguesa de Química (SPQ)

"O Ensino português secundário é caro e mau"

A Química é um dos sectores com maior prestígio da Ciência portuguesa, sendo habitual a publicação de artigos de investigadores portugueses nas melhores revistas internacionais. As nossas universidades lançam no mercado de trabalho anualmente aproximadamente setecentos licenciados que ocupam posições diversas na nossa economia desde a indústria ao controlo de qualidade. No actual contexto, e se já tínhamos dificuldades em rivalizar com a U.E existe o receio do impacto do próximo alargamento. Com esta reforma dá-se o golpe misericordioso e ficamos sem dúvidas nenhuma que os nossos jovens poderão enfrentar tempos mais difíceis quando terminarem os seus estudos. Quem o afirma é o Professor José Alberto Nunes Ferreira Gomes, Vice-Reitor da Universidade do Porto e Presidente da Sociedade Portuguesa de Química (SPQ), é Professor Catedrático de Química desde 1985 no Departamento de Química da Faculdade Ciências e tem agregação em Química pela Faculdade de Ciências do Porto desde 1984. É ainda D. Phil, em Química Teórica pela The University of Oxford e licenciado em Engenharia Químico-Industrial pela Universidade do Porto desde 1972.



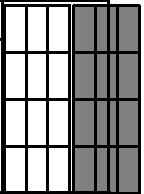
--	--	--

Pequenas correcções dos erros recentes, particularmente no Básico, com certeza. Reformas "de regime", não. Não nos podemos dar a esse luxo.



As nossas universidades lançam no mercado de trabalho anualmente cerca de 700 licenciados que vão ocupar posições muito diversas na nossa economia desde a indústria ao controlo de qualidade ambiental. Cerca de 10% destes licenciados seguem até ao doutoramento, uma taxa que nos aproxima já de muitos países mais desenvolvidos.

--	--	--



Entrevista: JORGE
PIROTE

O DIA – Como poderá ser apresentada a Sociedade Portuguesa de Química?

José Ferreira Gomes – A Sociedade Portuguesa de Química, é uma sociedade sem fins lucrativos, que tem por objectivo promover, cultivar e desenvolver, em Portugal, a investigação, o ensino e a aplicação da Química e das Ciências com que está mais directamente relacionadas. A Sociedade tem a sua Sede em Lisboa e Delegações e Pólos em Aveiro, Braga, Coimbra e Porto.

O DIA – Como “vai” a Química em Portugal e em particular, a via do ensino nas nossas escolas?

José Ferreira Gomes – A Química é um dos sectores mais consolidados da Ciência portuguesa com uma tradição de publicação nas melhores revistas internacionais. Numa visão global, a Europa é o principal bloco em termos de valor acrescentado de Química. A Europa tem cerca de 1,7 milhões de postos de trabalho directos no sector químico contra 1,0 milhões nos Estados Unidos da América. Alguns sectores da indústria química portuguesa sofreram bastante com o impacto inicial da integração europeia, mas a formação a nível secundário e superior mantém uma boa qualidade. A qualidade da formação em Portugal permite-nos esperar participar de forma ainda mais relevante que hoje na actividade europeia em Química. As nossas universidades lançam no mercado de traba-

lho anualmente cerca de 700 licenciados que vão ocupar posições muito diversas na nossa economia desde a indústria ao controlo de qualidade ambiental. Cerca de 10% destes licenciados seguem até ao doutoramento, uma taxa que nos aproxima já de muitos países mais desenvolvidos. Reconhecendo-se a qualidade destes doutoramentos, que é garantida pelas intensas relações internacionais dos seus projectos, estamos em boa posição para criar e atrair para Portugal actividades de alto nível neste sector.

A nível do Ensino Secundário e Profissionalizante estão a funcionar excelentes cursos com uma forma-

--	--	--



FAXINFORME

CLIPPING

O DIA

Data:2003-01-31

Tipo de publicação:---

Secção:

FOTO

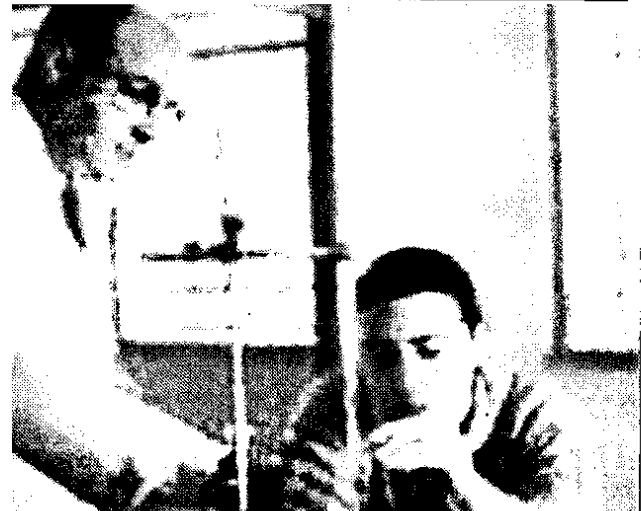
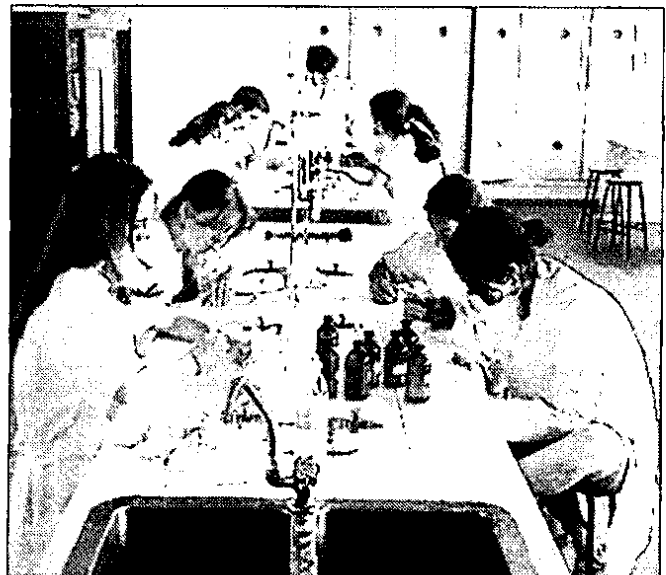
Cores:4 Cores

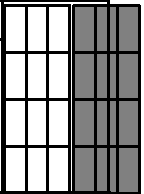
Pág:3

“
Temos espaços escolares
excedentários; temos
meios humanos
excedentários; temos
equipamentos instalados e
em funcionamento.
Chegou o momento de
aprofundar a qualidade
mais do que sonhar com
reformas curriculares
irreflectidas e sem
avaliação firme.

A Química é um dos
sectores mais consolidados
da Ciência portuguesa com
uma tradição de
publicação nas melhores
revistas internacionais. A
qualidade da formação em
Portugal permite-nos
esperar participar de forma
ainda mais relevante que
hoje na actividade
europeia em Química.

Conheço muitos países onde se pode
seguir uma formação de perfil
científico ou tecnológico sem ter feito
Filosofia no último ano do
Secundário. Não conheço nenhum
sítio do mundo civilizado onde isso
seja possível sem uma formação
científica séria e de espectro largo e
com uma forte componente
laboratorial.





ção experimental intensa e muito actualizada. Os professores fizeram um enorme e bem sucedido esforço de criação destes cursos nos últimos anos com estímulos, por vezes insuficientes, da tutela governamental.

O DIA – Qual é a nova proposta de revisão curricular do ensino secundário, proposta pelo Ministério da Educação?

José Ferreira Gomes – A proposta apresentada pelo Ministério da Educação, se posta em prática, seria desastrosa para a formação científica e tecnológica dos por-

tugueses. Todos os países reconhecem a necessidade de melhorar a formação técnica da sua “mão-de-obra” para assim melhorarem a sua produtividade. O Ministro da Educação tem feito intervenções concordantes com esta posição. Contudo os serviços do Ministério parecem ter opinião diferente e a proposta apresentada seria motivo de ridículo em qualquer país. Em Portugal foi criticada mas, na opinião pública, cedendo no chamado lapso da filosofia do 12º ano e fazendo pequenos ajustes no elenco disciplinar, tudo estará bem... Note-se que conheço muitos países onde se pode seguir

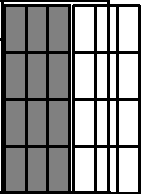
uma formação de perfil científico ou tecnológico sem ter feito Filosofia no último ano do Secundário. Não conheço nenhum sítio do mundo civilizado onde isso seja possível sem uma formação científica séria e de espectro largo e com uma forte componente laboratorial.

O DIA – Qual tem sido a posição tomada pela SPQ em relação à atitude do Governo nesta matéria?

José Ferreira Gomes – A Sociedade Portuguesa de Química conduziu um longo processo de consulta dos seus mais de 2200 associados, mui-

tos dos quais são professores do Ensino Secundário, e tomou uma posição muito clara: Damos um parecer rotundamente negativo à proposta! Nenhum dos nossos associados saiu em defesa de qualquer coisa próxima da proposta que o ME apresenta. Todos os estudos conhecidos, feitos sob a orientação de governos de diversas cores, apontam para soluções diversas das que nos são agora propostas. Nada é dito sobre a justificação ou inspiração da proposta. Somos levados a pensar que a urgência de fazer algo antes do termo da legislatura (ou da próxima remodelação) terá precipitado o

--	--	--



aparelho do ME a uma reforma que deixará marcas pela sua incompetência que manifesta e pela destruição daquilo que se foi construindo com muita dificuldade e custo ao longo dos últimos anos. Certamente que há muito a alterar, que a gestão das Escolas e os conteúdos curriculares devem ser melhorados. Mas, Senhor Ministro não destrua o que vai funcionando! Corrija algo do que está mal e terá muito trabalho a fazer e será lembrado pela coragem de fazer coisas que não se conseguiram fazer nos últimos 30 anos! Pelo nosso lado, a Sociedade Portuguesa de Química vai continuar a lutar pela con-

solidação da formação científica e tecnológica dos nossos jovens o que significa opor-se a qualquer reforma semelhante a esta. Ajustes cosméticos não chegam!

O DIA - Em que medida esta postura poderá afectar o conhecimento científico dos jovens?

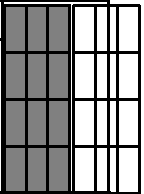
José Ferreira Gomes - Afectar é uma palavra demasiado branda. Vai tornar Portugal num paraíso da iliteracia científica!

O DIA - Todos nós sabemos que o ensino em Portugal é deficiente mas será que estas novas me-

“
Não podemos criticar o passado: é inútil e dificilmente poderemos pensar num crescimento tão rápido de forma bem coordenada. A situação é hoje diferente. Terminada a fase de crescimento explosivo, entramos mesmo em regressão por razões demográficas.”



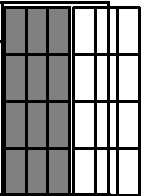
--	--	--



A formação científica e tecnológica a nível secundário nos países do centro e leste europeu é já muito superior à nossa. Com esta reforma deixaremos de poder trabalhar lado a lado com eles nas futuras empresas pan-europeias. Estamos ainda a vedar a opção por Portugal na implantação de empresas de base tecnológica.



--	--	--



didadas não provocam ainda mais deficiências na aquisição de conhecimentos, sublinhando o atraso do nosso País face aos outros países europeus?

José Ferreira Gomes – É uma reforma a contra-ciclo da Europa e do mundo desenvolvido. Se já tínhamos dificuldades em competir na Europa dos 15 e tememos o impacto do próximo alargamento, esta reforma dá o golpe de misericórdia e afasta todas as dúvidas.

A formação científica e tecnológica a nível secundário nos países do centro e leste europeu é já muito superior à nossa – O Senhor Ministro reconhece este facto que está por demais documentado –, com esta reforma deixaremos de poder trabalhar lado a lado com eles nas futuras empresas pan-europeias. Estamos ainda a vender a opção por Por-

tugal na implantação de empresas de base tecnológica.

O DIA – Será que as disciplinas técnico-laboratoriais que envolvem maiores custos, devido à necessidade de equipamentos e materiais mais dispendiosos ao Ministério da Educação facilitarão a adopção de novas medidas numa era em que o Governo está decidido a conter ao máximo os seus gastos?

José Ferreira Gomes – O Ensino Secundário português é caro e mau. Não há nenhum estudo internacional que aponte

noutra direcção e o Senhor Ministro diz isto mesmo, por outras palavras.

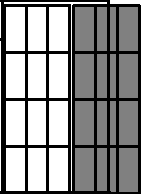
A disciplina de Técnicas Laboratoriais pode ser ministrada a um custo muito inferior ao custo médio do Ensino Secundário – Se no Ensino Superior este custo é mais baixo, não será possível fazer o mesmo no Secundário?

O Senhor Ministro disse no Parlamento que esta reforma não representaria economia, que não era essa a sua preocupação.

Aqui tenho de recordar. É possível fazer melhor com menos dinheiro. Todos os outros países da OCDE

o fazem. Nós também teremos de ser capazes de o fazer. Mas não é com esta reforma. Deixo aos técnicos do ME avaliarem se o custo corrente aumenta ou diminui; o que é óbvio é que com esta reforma muitos equipamentos que estão actualmente em funcionamento nos nossos laboratórios escolares voltariam para os seus caixotes! Que muitos professores que souberam pôr a funcionar excelentes laboratórios em muitos pontos do País – embora, infelizmente, esta não seja ainda a situação universal – deixariam no futuro de entrar no labora-

A função de Professor foi muito desvalorizada socialmente nos últimos 40 anos mercê da explosão do sistema educativo. Era difícil de evitar. Não havia espaço nas escolas para as aulas e muito menos para o trabalho adicional normal do Professor; não havia professores experientes em número suficiente; não havia equipamentos novos e os antigos e modestos laboratórios eram insuficientes e estavam desactualizados.



tório e de passar a sua experiência aos mais novos. A situação actual – que ainda não é óptima – foi atingida depois de muitos anos de investimento em equipamentos e de esforço dos professores. Interrompam este esforço e ao fim de um ano, chega um ano, todo este investimento estará perdido. Sei que a próxima reforma tomará caminho diferente mas demorará depois mais de dez anos a repor a situação actual. Poderemos dar-nos ao luxo de adiar o futuro dos nossos jovens ainda mais?

O DIA – Outro problema é a profissionalização da função de professor. Quais têm sido os avanços – se é que houve – neste domínio. Trata-se de um vosso desejo de há muito tempo?

José Ferreira Gomes – A função de Professor foi muito desvalorizada socialmente nos últimos 40 anos mercê da explo-

são do sistema educativo. Era difícil de evitar. Não havia espaço nas escolas para as aulas e muito menos para o trabalho adicional normal do Professor; não havia professores experientes em número suficiente; não havia equipamentos novos e os antigos e modestos laboratórios eram insuficientes e estavam desactualizados. Não podemos criticar o passado: é inútil e dificilmente poderemos pensar num crescimento tão rápido de

forma bem coordenada.

A situação é hoje diferente. Terminada a fase de crescimento explosivo, entramos mesmo em regressão por razões demográficas. Temos espaços escolares excedentários; temos meios humanos excedentários; temos equipamentos instalados e em funcionamento. Chegou o momento de aprofundar a qualidade mais do que sonhar com reformas curriculares irreflecti-

das e sem avaliação firme da situação anterior. Pequenas correcções dos erros recentes, particularmente no Básico, com certeza. Reformas “de regime”, não. Não nos podemos dar a esse luxo.

A Sociedade Portuguesa de Química colaborou no passado com o ME em estudos prospectivos. Temos os recursos humanos e conhecemos as competências e disponibilidades dos nossos as-



Todos os países reconhecem a necessidade de melhorar a formação técnica da sua "mão-de-obra" para assim melhorarem a sua produtividade. O Ministro da Educação tem feito intervenções concordantes com esta posição. Contudo os serviços do Ministério parecem ter opinião diferente e a proposta apresentada seria motivo de ridículo em qualquer país.



“
Senhor Ministro, ouça aqueles que têm também alguma experiência destes assuntos. E, sabe bem que não há em Portugal (há muitos anos) uma tradição séria de reflexão profissional nesta matéria.”



sociados. Estamos disponíveis para contribuir para a melhoria do nosso ensino. Ao Governo e ao ME compete decidir, mas, por favor Senhor Ministro, ouça aqueles que têm também alguma experiência destes assuntos. E, sabe bem que não há em Portugal (há muitos anos) uma tradição séria de reflexão profissional nesta matéria. Também aí poderia o ME dar um incentivo à constituição e manutenção de grupos de

reflexão que se mostrassem mais produtivos e com melhores trabalhos de análise que poderiam depois servir de base às opções políticas que manteriam o seu nível político próprio. Não estou a pedir nada que não se veja em todo o mundo. Estou tão só a pedir que se reinvente a roda!

N. Red.: O texto da revisão curricular está disponível na Internet em:

www.min-edu.pt/ftp/docs_stats/SECUNDARIO.pdf

HISTÓRIA DA SPQ



A fundação da Sociedade Portuguesa de Química (SPQ) em 28 de Dezembro de 1911 esteve intimamente relacionada com a publicação da Revista de Química Pura e Aplicada que surgiu pela primeira vez no Porto em 1905. Esta iniciativa foi levada a cabo por um pequeno grupo de cientistas portugueses, o mais ilustre dos quais terá, porventura, sido Ferreira da Silva que foi, também, o primeiro presidente da Sociedade.

Em 1915, a SPQ estava organizada em três secções, Porto, Coimbra e Lisboa.

A secção do Porto incluía, desde essa data, uma sub-secção de Física, uma ciência que, em Portugal, ainda não tinha atingido a dimensão suficiente para possuir a sua própria sociedade.

Devido à crescente importância da Física, em 1926 a SPQ passa a designar-se Sociedade Portuguesa de Química e Física, situação que durou até Fevereiro de 1974 quando esta se divide na Sociedade Portuguesa de Química e na Sociedade Portuguesa de Física. Contudo, só três anos mais tarde a duas sociedades encontrariam uma sede adequada para as suas actividades no 4º andar do nº 37 da Avenida da República em Lisboa.

A cerimónia de inauguração teve lugar a 24 de Fevereiro de 1977 tendo contado com a presença, entre outros, do Secretário de Estado para a Investigação Científica, dos Reitores das Universidades de Lisboa e dos Presidentes do Instituto Nacional de Investigação Científica e da Fundação Calouste Gulbenkian. Os objectivos fundamentais da SPQ foram apresentados durante esta cerimónia: a Sociedade deve constituir um centro de debate franco e cordial que estimule e promova o contacto entre os seus membros de forma a contribuir para o desenvolvimento da investigação e para um melhor ensino da Química.

Em 1981 a Sociedade instituiu o prémio Ferreira da Silva, a fim de homenagear químicos portugueses cuja actividade científica seja particularmente proeminente ou que tenham contribuído de forma especial para o desenvolvimento da Química no País. Actualmente a SPQ tem a sua sede principal em Lisboa, tendo delegações em Aveiro, Braga, Coimbra e Porto e várias secções locais, nomeadamente, em departamentos de química de universidades.

Do ponto de vista científico, a SPQ está organizada em várias Divisões: Química Orgânica, Química Inorgânica, Química Física, Química Analítica, Catálise, Química e Indústria e Ensino e Divulgação de Química. Existem, ainda, os seguintes Grupos: Espectrometria de Massa, Química e Computadores, Radicais Livres, Glúcidos e Química Alimentar.

Desde 1978 a Sociedade organiza bianualmente um Congresso geral em que participam mais de 500 químicos portugueses e um significativo número de químicos espanhóis.

Pretende-se que esta seja a grande festa dos químicos nacionais que desenvolvem actividade nas universidades e institutos de ensino superior, nas escolas do ensino básico e secundário, na indústria e nos laboratórios do estado. Nos anos em que o grande congresso não se realiza as diferentes Divisões e Grupos organizam encontros especializados. A SPQ tem publicado alguns livros, principalmente dirigidos a professores do ensino secundário. Publica, também, desde 1977, um boletim trimestral (Química).

A publicação da Revista Portuguesa de Química foi terminada em 1997 estando, presentemente, a SPQ envolvida na publicação de três revistas europeias de grande prestígio.